

1 Introdução

O estudo das religiões e tradições espirituais, tanto do Ocidente como do Oriente, desempenha um papel fundamental no pensamento de C.G. Jung. Vários de seus escritos, principalmente os últimos, tratam desta questão. No decorrer de sua obra Jung realiza pesquisas sobre diversos temas religiosos, elaborando ensaios sobre estes. Em relação ao Cristianismo, por exemplo, ele reflete sobre o dogma da Santíssima Trindade, o evento da Missa Sagrada, a questão da *Privatio Boni*, entre outros. No que se refere ao Antigo Testamento, interessa-se particularmente pelo livro de Jó.¹ Além disso o autor dedica diversos escritos a temáticas referentes à religião oriental. A análise de assuntos religiosos acabou influenciando o pensamento de Jung como um todo, exercendo por vezes uma papel determinante na formulação dos conceitos de sua teoria.

O contexto das pesquisas psicológicas de Jung envolve diferentes aspectos. O autor conta com uma formação bastante ampla. Durante o seu percurso acadêmico não se dedica somente à medicina, mas também ao estudo de diferentes sistemas filosóficos, à literatura e à arte. No que tange ao seu interesse pela religião, não podemos ignorar que o autor procede de uma família de origem protestante, que contava com diversos pastores. A confissão religiosa e as idéias que estes defendiam instigavam o autor, acarretando por vezes intensos conflitos emocionais. Na introdução da autobiografia de Jung, *Memórias, Sonhos e Reflexões* ([1964] 1988), Jaffé aponta:

Vários caminhos conduziram-no ao confronto com questões religiosas: experiências pessoais, que já o haviam colocado, desde criança, em uma realidade de vivências religiosas, e que o acompanharam até o fim da sua vida; uma fome insaciável de conhecimento, que se apossava de tudo o que dissesse respeito à alma, seus conteúdos e manifestações; uma curiosidade que o caracterizava como homem de ciência...

¹ Todos estes ensaios mencionados encontram-se disponíveis no volume *Psicologia e Religião Ocidental e Oriental* do autor (Jung, 1992).

Jung (1964)1996:14-15

Percebe-se também que Jung se posiciona de forma mais positiva em relação ao catolicismo, em detrimento do protestantismo, quanto ao qual tinha algumas reservas. O ponto fundamental a se destacar, porém, é que o autor não tem aspirações teológicas, e sim reflete sobre a problemática da religião, a partir de sua experiência clínica.

Jung ([1940]1992) considera a religião uma das expressões mais antigas e universais da psique humana. Todo tipo de abordagem psicológica que se dedique ao estudo da estrutura da personalidade teria assim que constatar que a religião representa, além de um fenômeno sociológico e histórico, uma questão psicológica para um grande número de indivíduos. Nesse sentido, Jung investiga o papel da religião em relação ao funcionamento psíquico de seus pacientes. O autor atribui à psique uma função religiosa, função esta que se manifestaria através de uma determinada atitude que o homem assume diante de aspectos fundamentais de seu inconsciente, isto é, quando se envolve em um processo de autoconhecimento. A neurose seria, neste sentido, a expressão de um distúrbio da função religiosa. Jung ([1940]1999: par.55) afirma que entre todos os seus pacientes na segunda metade da vida (acima de 35 anos) não houve um só caso cujo problema mais profundo não estivesse ligado a sua atitude religiosa:

Todos, em última instância, estavam doentes por terem perdido aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos aos seus adeptos, e nenhum se curou realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isto é claro não depende absolutamente de adesão a um credo particular ou de tornar-se membro de uma igreja .

Jung sempre se preocupou com o crescente afastamento do homem do universo simbólico da religião. Estes símbolos, embutidos de paradoxos e contradições, dariam forma ao sofrimento humano, canalizariam a energia psíquica em um nível individual e coletivo, viabilizariam o contato com a realidade psíquica. Em suma: possibilitariam uma existência com mais sentido. Em função de uma supervalorização da razão perderíamos o acesso a uma vida mais simbólica:

...necessitamos urgentemente da vida simbólica. Somente a vida simbólica pode expressar as necessidades da alma – as necessidades diárias da alma... e já que as pessoas não possuem nada neste sentido, não conseguem jamais deixar... essa vida terrível, maçante, banal onde elas nada significam. No ritual elas estão mais próximas da divindade...²

Jung [1939] 1995i: par. 627

Jung direciona os seus estudos a diversos sistemas culturais, o que demonstra que a sua visão de religião não está ligada a uma confissão específica. Por minha parte, procurarei estabelecer primeiramente como o autor se posiciona perante o fenômeno religioso de modo mais amplo, para, em um segundo momento, analisar as idéias de Jung a respeito do sistema simbólico de determinadas religiões. Neste caso, procurarei deter-me principalmente nas análises que o autor fez do cristianismo. Isto se deve ao fato de eu estar mais familiarizada com o universo religioso do Ocidente e por acreditar que o próprio autor se encontra mais enraizado neste contexto. Gostaria, contudo, de enfatizar que, na presente dissertação, não pretendo discutir idéias teológicas. Aproximo-me do âmbito religioso exclusivamente a partir do viés da psicologia analítica. Desta forma, a pesquisa acerca da noção de religião no pensamento de Jung será evocada na análise de determinados conceitos-chave, isto é, investigarei, a partir do enfoque específico da religião, alguns conceitos teóricos fundamentais para a psicologia analítica. O trabalho que se segue será dividido em quatro capítulos. O primeiro girará em torno de algumas noções básicas para a compreensão do fenômeno religioso segundo uma perspectiva junguiana. Analisarei de que forma Jung se aproxima, enquanto psicólogo, do assunto em questão. Desta forma pretendo primeiramente expor o “método científico” ao qual o autor adere em suas pesquisas. Em seguida dissertarei sobre a associação que Jung faz entre o fenômeno religioso enquanto experiência numinosa e o funcionamento do psiquismo. Para tal empreendimento torna-se imprescindível pesquisar as noções de arquétipo, experiência primordial e a idéia de símbolo no pensamento do autor.

² *...wir haben alle das symbolische Leben dringend nötig. Nur das symbolische Leben kann den Bedürfnissen der Seele Ausdruck verleihen- den täglichen Bedürfnissen der Seele ! Und da die Leute nichts dergleichen besitzen, können sie nie aus diesem schrecklichen, zermürbenden, banalen Leben... Im Ritual sind sie der Gottheit nahe...*

O segundo capítulo refere-se à discussão sobre uma possível base arquetípica da religião. Neste sentido exporei as reflexões de Jung acerca da confissão³, isto é, em que medida esta viabilizaria ou não uma experiência religiosa mais profunda e autêntica.

No terceiro capítulo analisarei a relação que Jung estabelece entre o arquétipo do si-mesmo e Deus. Para tal dissertarei sobre as manifestações simbólicas deste arquétipo, mais especificamente sobre a figura de Cristo enquanto representante da totalidade. Deparar-me-ei desta forma com um assunto freqüentemente evocado por Jung: a questão do mal.

Finalizarei o estudo em questão com uma reflexão acerca do tema da individuação. Tratando-se de um processo de interiorização e autoconhecimento, procurarei estabelecer de que modo Jung atribui uma dimensão religiosa a este percurso.

Por fim considero importante esclarecer alguns aspectos formais. As obras de Jung⁴ necessárias para a realização do presente trabalho foram consultadas na língua alemã. Devido ao fato de a tradução brasileira apresentar por vezes alguns erros e de eu não ter acesso a todas as obras nesta versão, irei traduzir parte das citações utilizadas. A versão original poderá ser encontrada em notas de rodapé.⁵ Quando, porém, a tradução brasileira for adequada aproveitarei as citações traduzidas. Utilizarei assim paralelamente os mesmos livros na versão alemã e brasileira. Estes porém pertencem a edições diferentes e por isso terei que repetir as datas das publicações originais no corpo da dissertação.⁶ O local das citações nas obras

³ Confissão, no sentido de confissão de fé/ credo.

⁴ Além das obras de Jung, utilizei também três outros livros na língua original. Trata-se do livro *Das Heilige* [O Sagrado] (Otto, 1997), das *Duinesier Elegien* [Elegias a Duino] (Rilke [1912] 1974) e do livro *Theologische Aspekte der Tiefenpsychologie von C. G. Jung* [Aspectos teológicos da psicologia profunda de C. G. Jung] (Unterste, 1977). Nestes casos também traduzi as partes citadas por conta própria.

⁵ O mesmo se refere aos livros consultados em língua inglesa.

⁶ As datas das edições originais também são citadas nas Referências Bibliográficas. Quando isto não ocorre, é porque o volume citado contém textos elaborados em anos diferentes. Neste caso não existe uma data única.

referentes será indicado pelo número do parágrafo.⁷ As diversas versões e edições enumeram os parágrafos da mesma forma, fato este que facilita em muito a pesquisa.

⁷ Exceto no caso do livro em edição de bolso *Die Beziehungen zwischen dem Ich und dem Unbewussten* [A relação entre o eu e o inconsciente] (Jung [1928] 1990) e a autobiografia do autor, *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Os parágrafos destas edições não se encontram enumerados.